



Como qualquer actividade desportiva o Basquetebol criou, desenvolveu e aperfeiçoou a sua linguagem, a sua terminologia. Em Portugal, há algumas décadas atrás procurou-se criar uma terminologia do jogo de basquetebol, em língua portuguesa.

Termos como cut, dribling, backdoor, foram adaptados à língua portuguesa originando, respectivamente, os termos corte, drible, porta atrás.

Esse trabalho, rigoroso, foi feito por treinadores, que preocupados com a necessidade de comunicarmos todos no mesmo comprimento de onda, elaboraram aquilo que poderemos designar de um glossário do basquetebol, perdurando muito do que fez na altura. Infelizmente e actualmente, falamos das mesmas coisas do jogo com palavras diferentes, haja ou não traduções. Não condeno e compreendo que cada um de nós se identifica com uma forma particular de comunicar sobre basquetebol, mas reconheço que poderá dificultar o entendimento do jogo ouvir muita informação diferente para falar das mesmas coisas. Se pensarmos na formação de treinadores ou na linguagem contida nos programas de Educação Física ou na formação de professores poderemos cair no erro de não passar uma identidade terminológica da modalidade.

Reforço que não é uma tarefa fácil, mas talvez constituísse um desafio associado a um sentido colectivo dos treinadores, investir numa linguagem suficientemente clara, em língua portuguesa, sucinta e com base numa pertinente tradução dos termos norte americanos. Importa referir que este trabalho já foi feito recentemente e a propósito da reestruturação dos cursos de treinadores. O companheiro Rui Alves, nesse sentido, realizou um trabalho notável de sintonização da terminologia utilizada nos manuais da formação específica. O que significa que os novos candidatos a treinadores poderão dispor dessa informação. A intenção de todos nós treinadores em simplificarmos a informação que passamos aos nossos jogadores é louvável e necessária, mas terá um jogador de se adaptar ao treinador que recorre unicamente a expressões em inglês e posteriormente a outro treinador que recorre apenas a termos em Português? Ou será necessário encontrar um patamar de equilíbrio assente numa aposta na língua portuguesa e em poucos termos?

A linguagem do basquetebol

Escrito por João Ribeiro
Quarta, 02 Julho 2014 21:48

O debate entre treinadores, os contributos de treinadores experientes e a partilha de experiências é importante, assim como existir uma entidade agregadora de uma ideia. Talvez me atreva a lançar o desafio à ANTB para que possa desenvolver uma iniciativa que procure encontrar uma linguagem do Basquetebol. Todos nos entendemos enquanto treinadores e quando partilhamos a nossa filosofia e as nossas metodologias não creio que possamos criar ruído através da forma como falamos de basquetebol. Todavia, quando pretendemos transmitir conteúdos de basquetebol a quem está a aprender o jogo ou não conhece o jogo (jogadores em iniciação e formação, juízes, dirigentes, Pais, professores de educação física, jornalistas) parece-me não ser apropriado dar a oportunidade do contra-ataque ser definido como contra golpe ou permitir que um comentário sobre uma desmarcação dite que o jogador sem bola deva aparecer e acreditar.

O Basquetebol deixou de estar acessível a todos nós em canal aberto de televisão. Poucos serão os que vêem Basquetebol na televisão. Mas muitos são os Pais que se deslocam aos Pavilhões para ver os seus filhos jogarem. Contribuir para atenuar o provincianismo competitivo (expressão introduza num escrito do companheiro João Oliveira) será fazer chegar a todos os que assistem a jogos uma linguagem própria do jogo de basquetebol, não permitindo que o Futebol invada nosso espaço. Aqui fica desafio.